

Cresce interesse de banco internacional pelo Brasil

Atualmente, o Banco Central está analisando o pedido de 14 grupos dos EUA, Europa e Ásia; maior parte é para a constituição de novas empresas

Murilo Rodrigues Alves
BRASÍLIA

Apesar da desconfiança dos investidores internacionais com a economia brasileira, continua grande a procura de bancos estrangeiros para entrar no sistema financeiro nacional. O 'Estado' apurou que o Banco Central (BC), órgão regulador local, analisa atualmente o pedido de 14 grupos dos Estados Unidos, da Europa e da Ásia para entrar no mercado brasileiro.

Na fila do BC, estão pedidos para o ingresso de 11 bancos múltiplos (instituições financeiras que reúnem as funções de banco comercial e de investimento), 2 distribuidoras de títulos e valores mobiliários (DTVM) e 1 sociedade de arrendamento mercantil. A maior parte dos pedidos é para constituir novas empresas, embora haja também interesse na aquisição de controle acionário de algumas existentes.

Não estão contabilizados nessa conta os pleitos que o BC costuma rejeitar, antes mesmo de

formalizados. Isso porque, normalmente, o órgão regulador convence o interessado, nesses casos, a nem sequer formalizar a intenção de ingresso no País. Ousadia, é muito raro o BC reprovar algum pedido formal.

Mesmo com esse interesse todo dos estrangeiros em entrar no mercado brasileiro, o que poderia elevar a concorrência, os quatro maiores bancos presentes no País – Banco do Brasil, Itaú, Caixa e Bradesco – ainda detêm 70% dos ativos do sistema bancário do tipo 1, que abrange 97 bancos com serviços para o dia a dia da maioria das pessoas e empresas. Em números de ativos, o primeiro estrangeiro a aparecer, em quinto lugar nesse ranking, é o espanhol Santander.

Ritmo. Em 2013, a autoridade reguladora autorizou a entrada de 7 grupos estrangeiros no País, por meio de 9 instituições distintas, sendo 3 empresas (um banco de investimento, uma sociedade de arrendamento mercantil e uma sociedade de crédito à empresa de peque-

na porte) e 6 aquisições de controle acionário (3 bancos múltiplos, 1 banco de câmbio e 2 corretoras). Nos três anos anteriores, de 2010 a 2012, nove novas instituições financeiras com controle estrangeiro tinham recebido sinal verde do órgão.

Entre as autorizações dadas no ano passado está a do banco suíço UBS, que, mesmo tendo estado anteriormente no Brasil, esperou mais de dois anos para conseguir autorização para voltar ao País. O japonês Mizuho, presente em mais de 30 países, aguardou um ano para a aquisição do controle acionário do banco WestLB do Brasil.

O BC informou, em nota, que não há "sentido estatístico" em calcular o tempo médio para as autorizações, uma vez que as condições variam de acordo com a complexidade do pleito e a qualidade do plano de negócios de cada um. Uma mudança na regulamentação em 2012 aumentou os requisitos exigidos aos pleiteantes para atuar no sistema financeiro nacional. "Não há hoje massa crítica para informar o tempo médio desses exa-



TORU HANA/REUTERS

Espera. Mizuho levou 1 ano para adquirir WestLB do Brasil

mes", afirmou, em nota.

Consumo. Mesmo com a economia crescendo a um ritmo cambaleante, o interesse dos bancos estrangeiros no País está relacionado, segundo o Banco Central, entre outros fatores, à expansão do mercado con-

sumidor, ao sistema financeiro sólido, às oportunidades do comércio internacional e dos investimentos em infraestrutura e ao fortalecimento do mercado de capitais. A maior parte dos estrangeiros é atraída, principalmente, pela possibilidade de ter como cliente empresas

PRESTE ATENÇÃO

1. Na fila para entrar no sistema financeiro brasileiro estão 11 bancos múltiplos, 2 distribuidoras de títulos e valores mobiliários e 1 sociedade de arrendamento mercantil.

2. Mesmo com todo esse interesse, os quatro maiores bancos no País (Banco do Brasil, Caixa, Itaú e Bradesco) detêm 70% dos ativos do sistema bancário que abrange 97 bancos com serviços para o dia a dia da maioria das pessoas e empresas.

3. No ano passado, o Banco Central autorizou a entrada de 7 grupos estrangeiros, por meio de 9 distintas instituições, sendo 3 empresas e 6 aquisições de controle acionário.

de outros países que vieram ou pretendem investir aqui.

De modo geral, aplicam-se aos interessados de outros países em entrar no sistema financeiro nacional as mesmas regras a que estão sujeitos os nacionais. Além disso, o BC ainda solicita informações ao supervisor do país de origem da instituição interessada sobre a reputação dos dirigentes, a capacidade econômica e financeira, o atendimento às regras bancárias locais e a capacidade de controle e monitoramento das operações no exterior.

Bancos estrangeiros têm espaço no País, diz associação

BRASÍLIA

Há espaço para que os bancos estrangeiros voltem a ter cerca de 40% do total de ativos do sistema financeiro nacional, defende a presidente da Associação Brasileira de Bancos Internacionais (ABBI), Deborah Vicietas. Ela diz, porém, que esse cenário só se concretizará com o aumento da participação dos bancos de fora no varejo bancário brasileiro. Hoje, os dois bancos que mais se destacam nesse

segmento são o espanhol Santander e o inglês HSBC – quinto e sexto lugar, respectivamente.

"Esse é um grande desafio em termos de escala. A evolução da atividade financeira na utilização de meios eletrônicos poderia oferecer novas oportunidades", defende Deborah. A quase centena de instituições que fazem parte da ABBI detêm atualmente cerca de 20% dos ativos do sistema financeiro nacional. De acordo com dados do Banco Central (BC), as instituições es-

trangeiras terminaram 2013 responsáveis por 15,5% das operações de crédito do País.

Deborah, que também preside a filial no Brasil do português Banco Caixa Geral, afirma que são bem-vindas iniciativas para simplificar e acelerar o processo de autorizações para a entrada de instituições estrangeiras no mercado brasileiro. Ela diz que o órgão regulador tem feito um "esforço considerável de racionalização" das exigências, mas é preciso também que seja

seguido por outras instâncias do governo federal.

Iniciativa. O programa Otimiza BC, lançado em fevereiro do ano passado com o objetivo de reduzir os custos de observância de regras por bancos no Brasil, foi, segundo Deborah, uma boa iniciativa nesse sentido. A autoridade reguladora dispensou, por exemplo, bancos estrangeiros que não têm capital aberto no País da obrigação de publicar balanços trimestrais.

Para a ABBI, o ingresso de instituições de fora no mercado brasileiro propicia novos modelos de negócios, produtos e serviços. Um exemplo foi a introdução no mercado brasileiro, em janeiro, do Certificado de Operações Estruturadas (COE) – título híbrido, que combina renda fixa com renda variável. Esse certificado é uma versão brasileira das notas estruturadas, muito populares no exterior. "Hoje já é incontestável a importância dos investidores es-

trangeiros para o desenvolvimento do mercado de capitais brasileiro, sobretudo na renda variável e diversas medidas em discussão poderão aumentar ainda mais a participação no segmento da renda fixa local", diz Deborah.

Segundo ela, a atratividade do País se explica porque poucos emergentes reúnem as mesmas condições do Brasil: mercado de consumidores amplo, embora a metade ainda não tenha acesso a todos os serviços e produtos financeiros, democracia estável e ambiente regulatório alinhado com a prática internacional. /M.R.A.

Jornal do Carro



Visitamos o Museu da Lamborghini, na Itália, cujo acervo conta a trajetória da marca de superesportivos com nomes de touros criada após discussão entre Ferruccio Lamborghini e Enzo Ferrari

Moto: como anda a Ducati Monster, esportiva italiana com motor de 135 cv que chega ao Brasil no fim do primeiro semestre com preço em torno R\$ 58 mil

E ainda: os cuidados com os filtros de ar, óleo e combustível. Quando trocar e quanto custam

**NÃO PERCA.
AMANHÃ, NO ESTADÃO.**

COM AS TABELAS
QUE SÃO REFERÊNCIA
NO MERCADO